

UMA VIAGEM AO INFERNO

POR BERILO NEVES

O admiravel progresso das ciencias psychicas nos ultimos 50 annos trouxe-nos, neste limiar do seculo XXXV em que vamos vivendo, á anulação integral das fronteiras entre o mundo physico e o mundo espirital. As chamadas almas do outro mundo, que tanto medo faziam ás creanças dos seculos anteriores ao nosso (haja vista meu pai que morreu de susto diante de um espirito desencarnado), não passam de creaturas pacificas e inoffensivas que apenas se viram, de uma hora para outra, desprovidas do envólucro material que as vestia como se fôsse uma roupa commum.

Mas, por isso mesmo que ja não são feitas de carne e osso como nós outros, as «almas do outro mundo» precisam de viver em regiões especiais, propicias, pela atmosphera subtil, á sua vida, que é como quem diz, á sua morte... O intercambio intellectual e moral entre os dous mundos tem sido feito, nestes ultimos annos, por meio de apparatus aereos dotados de grande raio de acção, e capazes de levar e trazer, em algumas horas, as cartas de amor ou de reclamações que os viventes e defuntos se mutuam, á taxa modica de 1\$000 por 20 grammas de peso... Assim é que eu ja conversei com todos os meus parentes defuntos, cobreí velhas dividas de amigos meus que se esqueceram de saldalas neste mundo, e mandei duas cartas desafortadas á minha mulher, a quem contaram, naquellas alturas, proezas amorosas que jamais pratiquei depois de sua morte.



O correio para o outro mundo (que parte regularmente do aeroporto do Rio ás sete horas da manhã) é uma banalidade comparado com as entrevistas sensacionais que a communicação entre vivos e mortos permite aos homens do seculo XXXV. Um homem do seculo XX ou XXI ficaria louco se lhe dissessem que os nossos jornais entrevistam, com frequencia, os maiores sabios, poetas, philosophos, mathematicos e genios, emfim, que ja morreram ha milhares de annos. So eu, ja consegui para o meu jornal (essa famosa «TRIBUNA DO

RIO» que tira, diariamente, cinco edições de 20.000.000 de exemplares cada nma) uma entrevista com Pasteur sobre microbiologia, outra com Galileu sobre os falados maus tratos de que fôra victima por causa da sua theoria sobre o movimento da terra, outra com Socrates sobre os verdadeiros motivos do seu suicidio pela cicuta, e, até, uma com o ferocissimo Nero sobre o incendio de Roma. A entrevista que a «GAZETA UNIVERSAL» conseguiu, porem, com o philosopho Platão (e que tanto successo fez nos nossos meios jornalisticos) fez que o director do meu jornal me exigisse uma cousa sensacionalissima, fóra do commum, quase maluca. Como satisfazer ao



exigente homem? Durante alguns dias pensei no caso, maduramente, e acabei tomando, na manhã de hontem um rapido aereo pilotado pelo capitão Eduardo Meira, o mais destemido dos nossos pilotos militares.

— Aonde vamos? perguntou o capitão subindo para a NACELLE do apparelho.

— Ao inferno, meu capitão, e á 400 kilometros, se faz favor...

Partimos para o inferno, região escura que permanecia até então mais ou menos fóra do alcance dos nossos melhores apparatus do ar. Durante 12 horas varámos os ares como uma bala, aspirando oxygenio artificial para compensar os effeitos physicos da rarefacção atmospherica. O capitão Meira não pronunciava uma palavra. Era valente como poucos. Ao entrarmos na 13.^a hora de vôo, elle me disse por entre dentes:

— Ja sinto cheiro de enxofre...

Era engano. Era uma granada que explodia no espaço, carregada de polvora «empyrite», á base de enxofre e nitroglycerina. Somente duas horas depois attingimos o inferno, graças á indicação de um velho judeu conhecido, que estava de licença nos espaços inter-planeta-rios. O inferno é um lugar saudavel, situado na constelação Eva, descoberta ha vinte annos pelo astronomo

Carrick, escossez. Cheio de sombra e de silencio, deu-nos uma impressão inteiramente opposta áquella que sempre imaginamos desse lugar fatidicio, onde esperavamos encontrar fogo, maldições e ranger de dentes. Bandos alados de espirito acorreram a ver-nos olhando, com invencivel a curiosidade, os nossos trajes de aviadores. Pequeninios diabos vestidos de imponderaveis tunicas vermelhas deram o alarme á nossa entrada nos arraiaes de Belzebut.

Veio, logo, muito affavel, exhalando perfumes caros, o sr. Diabo. Era um cavalheiro sympathico que sorria ironicamente a todas as cousas. Achei-o parecido com Anatole France. Pedimos licença para visitar os seus dominios e mostrámos-lhe as nossas carteiras de passe. Ao saber que eu era jornalista abraçou-me com alegria, e confessou a sua admiração pela imprensa, «A GRANDE ALAVANCA DO PROGRESSO E O MAIOR ALLIADO DO INFERNO, NA TERRA» disse-me, textualmente. Offereci-lhe o ultimo exemplar de «Caretta» que elle mandou guardar, com cuidado «PARA LER MAIS TARDE».

— Confesso, sr. Diabo (disse-lhe eu, sorrindo) que nunca imaginei o inferno assim — como direi? — tão tranquillo e amavel... Esperando encontrar caldeirões cheios de breu fervente, para castigar a alma ruim dos condemnados. Por toda parte, labaredas e gritos de soffrimentos. Mulheres desgredadas, pagando as trahições feitas aos homens, na terra. Ladrões, marcados a fogo para as



eternidades da punição. Assassinos, condemnados a trazer ás costas o cadaver das suas victimas. Maus filhos, purgando nas gehenas terriveis o crime de não terem amado as suas mãis. Homens sensuais, reduzidos á triste condição de porcos. Avarentos e agiotas, postos diante de arcas cheias de dinheiro, sem poder attingil-as com as suas mãos rapaces. Mulheres infieis, marcadas a fogo com palavras infamantes. E nada disso encontro, nos seus dominios, meu caro sr. Diabo! O que vejo são penumbras macias que convidam ás evocações da saudade é ás doçuras fantasistas da

poesia. Até parece o parque de Academus, onde Platão dava as suas aulas immortais...

O Diabo sorriu alegremente, e falou, com pausas elegantes, de homem afeito ás lides oratorias:

— O inferno está muito mudado, meu caro. Isso ja não é o que foi nos tempos medievais. Havia, por aqui, tudo isso que diz e outras coisas peiores. Mas eu mesmo fui envelhecendo, e cansando de tanto ranger de dentes e rechinar de carnes peccadoras. Até o Diabo cansa de ver os outros soffrerem. Mandei apagar, aos poucos, o fogo dos caldeirões. O ferro de marcar mulheres infieis gastou-se... O cirrimbo dos ladrões consumio-se... Eram tantas mulheres infieis e tantos ladrões! Mandei arejar os cubiculos, sanear os xadrezes. Contractei hygienistas e decoradores para modernizar o inferno. Organisei uma orchestra. E onde era confusão e grita é, hoje, como vê, silencio e

repouso. Mas tudo isso só o consegui depois que expulsei daqui as malditas!...

— Malditas? Quem são as malditas, sr. Diabo?

— Não atinou ainda? Nem parece homem de imprensa! As mulheres,



homem... as mulheres!... Desde Eva, quase todas as que vinham do mundo estavam aqui... Era uma confusão, uma falaria, um inferno, meu caro! Ninguem se entendia. Havia indisciplina, intriga, conspiração entre

os diabos Acabei cansando... e expulsei-as.

— Para onde fôram? perguntou o capitão Eduardo Meira, farejando conquistas.

— Não sei. Para o Diabo que as carregue! Aqui não me entra mais nenhuma. Não imagina como isso agora está bom. Que paz, que serenidade! Pa ece um sanatorio. Até engordei, acredite!

E o Diabo sorria, delicioso, deliciado. Pedimos que deixar-se photographar-se. Accedeu gentilmente, e até escreveu uma dedicatória para a «TRIBUNA DO RIO». Agradecemos-lhe o cavalheirismo da recepção. E partimos.

No regresso, gastámos mais duas horas do que na ida. E' que o capitão Meira, typo completo do HOMME Á FEMMES, divagava no espaço, subindo e descendo, na pista do inferno, do outro — o das mulheres...

BERILO NEVES

LARGO DO MACHADO



INSTANTANEO